

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**AXELSON, Eric (Londres, 1913; Cidade do Cabo, 1998)**

Sul-africano de origem inglesa, o historiador Eric Axelson dedicou a quase totalidade da sua produção historiográfica à expansão portuguesa no sudeste de África. Esta era uma paixão que remontava à sua infância. Nascido em Londres em 1913, filho de um marinheiro de origem sueca e de mãe inglesa, Axelson mudara-se para Durban, África do Sul, ainda em criança. A navegação nos mares do Sul despertara nele um primeiro interesse nos exploradores quinhentistas que os tinham descoberto. Frequentou a Escola Secundária para Rapazes de Durban, obtendo de seguida um B.A. em História e Ciência Política (1932) e um M.A., cuja dissertação se intitulava “Natal and Annexation of Basutoland” (1934), ambos na Natal University College. No ano seguinte, graças a uma bolsa, pôde integrar o doutoramento na Universidade de Witwatersrand. A bolsa permitiu-lhe ainda efetuar dois anos de pesquisa na Europa; por sugestão do seu professor Leo Fouché (1880-1949), Axelson direcionou essa pesquisa para os arquivos portugueses (embora tenha passado também por Londres, Paris e Roma), estudando extensamente documentos relativos à expansão.

Regressando a Witwatersrand, tornou-se responsável por uma descoberta notável ao identificar, analisando os relatos portugueses, a localização provável do último padrão de Bartolomeu Dias, encontrando depois vestígios do mesmo em Mossel Bay, em 1938. No mesmo ano concluiu a sua tese de doutoramento, publicada em 1940. Foi brevemente professor na mesma escola secundária onde estudara e leitor em Witwatersrand. O eclodir da Segunda Guerra conduziu-o ao serviço militar, após o qual trabalhou por alguns anos como editor na Union War Histories de Pretória e nos Central African Archives de Salisbury. O trabalho nestes últimos despertou novamente o seu interesse no Império português, pelo que se tornou, em 1955, investigador no Ernest Oppenheimer Institute for Portuguese Studies em Witwatersrand. Nessa qualidade voltou a visitar os arquivos portugueses (e goeses) e viajou por Moçambique. Em 1962 deixou a sua alma mater para ser professor na Universidade da Cidade do Cabo e diretor do Centro de História da mesma, cargo que manteria até 1974. Nestas posições, promoveu e fomentou o ensino de história africana, lecionando o primeiro curso dedicado a essa área de estudos em qualquer universidade sul-africana, em 1963. No ano seguinte tornou-se vice-reitor daquela universidade, até 1978, ano em que se aposentou. Publicou várias obras durante todo este período, todas centradas nos portugueses em África. Manteve-se ligado aos meios



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

historiográficos portugueses, tendo sido vogal fundador do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos (1955) e membro associado do Centro de Estudos da Marinha (a partir de 1972). Traduziu para inglês e publicou numerosos documentos portugueses. Em 1988, participou na coordenação das comemorações dos 500 anos da viagem de Bartolomeu Dias, uma iniciativa conjunta de portugueses e sul-africanos que incluiu a recriação da viagem quincentista (por uma réplica – mas com motor – da caravela do navegador) e do seu desembarque em Mossel Bay, não sem alguma controvérsia.

Nas suas obras históricas, Axelson intentou assumidamente fazer um “relato dos factos” e não tanto a sua análise, numa perspetiva “rankeana” que lhe foi inculcada pelo seu mentor, Fouché. Certos contemporâneos criticaram essa alegada falta de profundidade crítica e consideraram-no um mero cronista (Harries e Saunders, “Eric Axelson and the History of Portugal in Africa”, 1998, p. 172). Efetivamente, não propôs novas teses explicativas ou teorias. Ainda assim, certas interpretações e linhas de pensamento são inevitavelmente reconhecíveis nos seus textos. As narrativas do Autor são sempre muito detalhadas, sustentadas por uma intensa pesquisa arquivística – inclusive em arquivos portugueses como o da Torre do Tombo ou o Arquivo Histórico Colonial. Também os autores portugueses são amplamente citados – entre muitos outros, destacam-se Manuel Lobato (com quem trabalhou quando esteve em Portugal), Damião Peres, Armando Cortesão, Avelino Teixeira da Mota, António da Silva Rego – juntamente com historiadores estrangeiros – Justus Strandes, Edgar Prestage, Charles Boxer, James Duffy e outros mais.

O interesse deste historiador pelos portugueses pode ser visto como duplo: por um lado, fascinavam-no os exploradores, tanto marítimos (em especial Bartolomeu Dias e Diogo Cão) como pioneiros da penetração terrestre, dando aí especial foco ao quincentista António Fernandes. Além de elogiar animadamente as façanhas desses indivíduos, Axelson procurou apurar com rigor os seus itinerários e localizar os lugares descritos nos relatos. Além da descoberta do padrão de Dias já referida, realizou múltiplas expedições (auxiliado frequentemente pela sua mulher, Hilda) na costa e no interior, com carácter topográfico e arqueológico, em busca de padrões, kraals, etc. Quando referia nas suas obras tais relatos, colocava sempre foco nas descrições dos povos e reinos africanos neles contidas, comparando-as com a historiografia e antropologia sobre eles.

Num plano paralelo, estudou a presença portuguesa em Moçambique e em toda a costa oriental africana. Publicou trabalhos sobre os residentes, colonos e autoridades coloniais portuguesas nos séculos XVI, XVII e no final do XIX (outras obras, que cobririam o intervalo de tempo entre essas, não chegaram a concretizar-se). Na sua visão, essa contínua presença no sudeste africano resulta sobretudo do desejo, embora repetidamente frustrado, de lucro com o comércio aurífero. Não deixou de apontar as fraquezas que identifica no Império português: a falta sintomática de meios, que levava a más condições materiais, o reduzido número de colonos europeus, a insubordinação em relação às diretrizes de Lisboa (ou Goa), viesse dos oficiais mais preocupados com o enriquecimento pessoal ou dos senhores de prazos praticamente independentes da metrópole. A sua posição em relação ao papel da “miscigenação” alterou-se com o tempo: se em obras iniciais



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

a criticava por ter diluído a função “civilizacional”, na década de 1970 apresentava-a como um fator explicativo da permanência portuguesa em Moçambique por tantos séculos (Axelson, *Portuguese in South-East Africa 1488-1600*, 1973, p. 242).

Ainda objeto da sua atenção eram as relações (bélicas e diplomáticas) dos portugueses com outros agentes e a influência destes no Império português, sejam potências marítimas rivais como os árabes da costa de Melinde e de Omã, os turcos, holandeses e ingleses (não deixa de dar destaque ao Ultimato de 1890), associações extragovernamentais como a British South African Company e os missionários do Lago Niassa ou, com especial relevo, potentados africanos, do Monomotapa nos séculos XVI e XVII ao Gungunhana em fins de Oitocentos. Quanto a estes últimos, o Autor apontava como o sucesso da penetração portuguesa em África dependia muitas vezes das relações cordiais com os chefes e reis locais e criticava os portugueses por não manterem consistentemente essa cordialidade, levados com frequência pela cobiça ou prepotência a situações de conflito, violência e exploração. Apesar dessas críticas, Axelson via o papel histórico de Portugal em África como largamente positivo, elogiando a “descoberta” da região e a introdução da civilização e culturas europeias, que tornaram os exploradores portugueses também precursores da fundação do seu país (a África do Sul).

Politicamente, o historiador tinha tendências conservadoras. Opunha-se ao apartheid, mas era simultaneamente contra as várias independências africanas, inclusive na África lusófona. As suas posições políticas e leitura da presença portuguesa nas colónias demarcaram-no das tendências na História de África que dominavam a segunda metade do século XX e afastaram-no de parte dessa comunidade historiográfica. Talvez por essa razão, fez pouca escola e não foi muito apreciado na África do Sul.

Por outro lado, atingiu maior reconhecimento em Portugal entre os historiadores da expansão portuguesa. Foi, em 1979, feito comendador da Ordem do Infante D. Henrique e alvo de um tributo do Centro de Estudos do Mar e das Navegações Luís Albuquerque, em 1996. Faleceu dois anos depois. A sua obra sobre Moçambique recebeu elogios de figuras como Malyn Newitt e René Pélissier.

**Bibliografia ativa:** AXELSON, Eric, “Discovery of the farthest pillar erected by Bartholomew Dias”, *South African Journal of Science*, Vol. XXXV, dez. 1938, pp. 417-429; *South-east Africa 1488-1530*, Londres, Longmans, Green and Co., 1940; *Portuguese in South-East Africa: 1600-1700-1700*, Johannesburg, Witwatersrand University Press, 1964 (ed. original de 1960); *Portugal and the scramble for Africa: 1875-1891*, Johannesburg, Witwatersrand University Press, 1967; *Portuguese in South-East Africa 1488-1600*, Johannesburg, C. Strúik, 1973.

**Bibliografia passiva:** HARRIES, Patrick e SAUNDERS, Christopher, “Eric Axelson and the History of Portugal in Africa”, *South African Historical Journal*, 39 (nov. 1998), pp. 167-175, disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/02582479808671337>; Homenagem ao Professor Eric Axelson,



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

por ocasião dos Encontros do Mar 96, Centro de Estudos do Mar e das Navegações Luís Albuquerque - CEMAR, Figueira da Foz, 1996; WITZ, Leslie. "Eventless history at the end of apartheid: The making of the 1988 Dias Festival." *Kronos: Journal of Cape History*, 32.1 (2006), pp. 162-191, disponível em [https://journals.co.za/doi/pdf/10.10520/AJA02590190\\_621](https://journals.co.za/doi/pdf/10.10520/AJA02590190_621).

Tiago Seixas dos Santos